

MEMÓRIA DE EDUCADORES¹

Nicanor Palhares Sá

Universidade Federal de Mato Grosso

O Grupo de Pesquisa em História da Educação de Mato Grosso tem estudado a história da educação da região desde 1993. No período compreendido entre 1996 e 2002, levantou, organizou e analisou as fontes primárias escritas relativas ao Império e à República matogrossense. Os documentos escritos apontaram aspectos normativos mais gerais. Foram realizados estudos do processo de surgimento e desenvolvimento da instrução pública, no Império, e do processo de construção do atual modelo de escola, a partir da República. No caso dos regulamentos da instrução pública, os relatórios de inspetores e as mensagens dos presidentes de província evidenciaram de modo muito geral esse processo e suas dificuldades na construção da escola pública na região.

O Grupo de Pesquisa iniciou no final de 2001 um programa de pesquisa de história oral visando recuperar a memória da educação, segundo o olhar de educadores e ex-alunos que vivenciaram de algum modo tais alterações no sistema escolar. O Grupo espera uma compreensão mais diversificada ou enriquecida, para algumas questões, utilizando-se da técnica de história oral: A) como ocorreu a passagem ensino individual ao simultâneo, além da superação da permanência de alguns elementos ligados ao ensino mútuo? B) Ainda do ponto de vista pedagógico, valeria compreender a superação do ensino por memorização e repetição pelo ensino intuitivo, ou mesmo, formas de convivência de ambos durante a Primeira República? C) Como ocorreu o surgimento das classes homogêneas e seriadas? D) As mudanças pedagógicas pressupunham a existência de um saber escolar hierarquizado? E) Acompanha estas mudanças um conjunto de novos utensílios didáticos, mobiliários e espaço físico concebido para o fim escolar? (o governo provincial não construiu uma única escola em Mato Grosso, exceto o Seminário da Conceição com recursos do Império; três casas foram compradas sem as devidas adequações ao fim escolar). F) Como se dá a substituição dos antigos compêndios pelos livros

¹ Resultados parciais da pesquisa em andamento: História oral em Mato Grosso: 1920 – 1950, financiada pelo CNPq/PNOFG.

didáticos? G) Quais foram as mudanças nas relações de trabalho docente? H) E, finalmente, o Império amadureceu teoricamente e a República desenvolveu e implantou o modelo de escola do séc. XX, ou noutras palavras, a quem atribuir o atual formato da escola brasileira? Neste momento, não se pretende resolver todas essas questões, apenas ilustrar o potencial dessa técnica.

Um dos tipos de fonte oral amplamente utilizada é a reminiscência pessoal. Esta é uma evidência oral específica das experiências de vida do informante. A reminiscência pessoal direta compõe a carga esmagadora da evidência oral, utilizada por Paul Thompson e o movimento da história oral. Tal reminiscência pessoal é o principal dado utilizado pelos historiadores, ao estudarem as sociedades dominadas pela palavra escrita. A bioquímica da memória é ainda muito pouco compreendida. Mas testes sobre diferentes tipos de memória tendem a concordar que a memória de longo prazo, especialmente em indivíduos que entram naquela fase que os psicólogos chamam de “revisão de vida”, podem ser notavelmente precisos. As pessoas adquirem um “poço de informações” preenchido pelo relacionamento pessoal. É circunscrito a seu contexto social, obviamente, forma a identidade pessoal e tem uma incrível estabilidade. Isso, observa David Lowenthal, é especialmente verdadeiro em relação às reminiscências intensas e involuntárias da infância, quando se vê e se recorda o que está lá, não (como fazem os adultos) o que é esperado.² A revisão da vida é o produto final de uma vida de reminiscências. Uma narrativa estável de revisão de vida no poço de informações é o início de uma tradição oral de longo prazo. O testemunho oral, seja ele coletado por gravação em fita, ou pelas pesquisas de campo, está mais próximo da fonte principal. Ele é certamente vulnerável a problemas tão graves quanto os que afetam as fontes documentais modernas. Ambos têm em comum o fato de poderem estar sujeitos à invenção da tradição, mas os problemas de má utilização dos dados orais são possivelmente mais fáceis de serem localizados e resolvidos. É justamente o uso de tal reminiscência que tem sido até agora a maior contribuição de historiadores como Paul Thompson. São historiadores sociais e utilizam os dados orais, para darem voz àqueles que não se expressam no registro documental.³ A força da história oral é a força de qualquer história metodologicamente competente. Vem da extensão e da inteligência com que muitos tipos de fonte são aproveitados

² D. Lowenthal, *The Past is a Foreign Country*, Cambridge, 1985, p. 202-3.

³ P.Thompson, *The Voice of the Past: Oral History*, Oxford, 1978.

para operar em harmonia. Todos os historiadores são iguais diante desse desafio. Como declarou Vansina, os dados orais servem para confirmar outras fontes, assim como estas servem para confirmá-los. Eles também podem proporcionar detalhes insignificantes, que de outra forma, são inacessíveis e, por isso, estimulam o historiador a re-analisar outros dados de maneiras novas.

O projeto “História oral em Mato Grosso: 1920 – 1950” abarcará trinta depoimentos, no mínimo, de velhos educadores e ex-alunos que viveram as práticas educacionais da primeira metade do século XX em Mato Grosso. Os educadores depoentes deverão ter a idade mínima de 80 anos. O período priorizado de estudo situa-se entre os anos de 1920 e 1950, definido pelos limites postos pela idade dos entrevistados. A primeira professora entrevistada, como é centenária, nos permitirá recuar para além dos marcos cronológicos do projeto, pois nos fornecerá sua vivência dos primeiros anos do início do século. Na verdade, a memória dessa professora fornecerá baliza de comparação com os outros entrevistados, para se constatar as mudanças vividas pelos demais.

A professora mais antiga do Brasil, Maria Arruda Müller, com 103 anos de idade, figura entre os educadores entrevistados.

Maria Ponce de Arruda, nasceu em 09 de dezembro 1898, na Fazenda Usina, aqui mesmo, nesta Capital. Descende de famílias tradicionais da região, sendo neta de dois importantes personagens da história local, como João Pedro Augusto de Arruda e Generoso Ponce. Seus pais: Coronel da Guarda Nacional - João Pedro de Arruda nascido em 18/03/1872 e Maria Adelina Ponce de Arruda nascida em 26/01/1878.⁴

Nas entrevistas realizadas com Maria de Arruda Müller foi possível evidenciar a forma de contribuição que a história oral pode oferecer, bem como alguns limites. O Grupo de pesquisa tem entendido que as mudanças e permanências mais importantes são as relativas às questões didático-pedagógicas. A discussão sobre o processo de condução das entrevistas será apresentada, juntamente com certo questionamento, de modo a evidenciar os limites e possibilidades dessa modalidade de pesquisa.

⁴ Dossiê de Maria Arruda Müller, Grupo de Pesquisa de História da Educação. Banco de Dados. 2002.

Esta breve comunicação estará restrita à entrevista de Maria Arruda Müller⁵, através de alguns fragmentos selecionados que evidenciaram as principais contribuições oferecidas por ela, como situação modelar da pesquisa em curso. É verdade que essa é uma das principais personalidades entrevistadas, não apenas pela idade avançada e lucidez, mas porque vivenciou direta ou indiretamente toda a história de Mato Grosso durante o século XX.

A professora Maria Arruda Muller (MAM) foi alfabetizada entre os anos 1905 e 1908, quando fez o curso primário, na casa da professora particular, Maria Luzia, (em certo momento da entrevista):

(entrevistadora B) - D^a. Maria, já existiam as séries no curso primário?

MAM (entrevistada) – Era tudo junto, 1º ano, 2º ano, 3º ano ...

A resposta da professora Maria Arruda Müller é direta e com convicção. A outra entrevistadora insiste:

(entrevistadora A) – Mas na mesma sala?

Ela responde com a mesma convicção:

MAM – Isso em qualquer escola – escola pública.

Apesar de clara a resposta, a entrevistadora tenta induzir (inadvertidamente) a resposta da entrevistada:

(entrevistadora A) – Agora nessa escolinha da Prof. Maria Luzia, era assim: primeira fileira era o primeiro ano, outra fila segundo ano assim por diante, ou era separado?

MAM – Era junto.

⁵ Foram duas entrevistas realizadas por três pesquisadores do Grupo de Pesquisa. A primeira, em 18 de abril de 2002, e a segunda, em 26/04/2002, como parte do Projeto Integrado “História oral da educação mato-grossense 1920 – 1950”.

Ela simplesmente respondeu “era junto” e mudou de assunto. A pergunta acima induzia a uma resposta para a existência de classe multi-seriada. Inexistente na época. Como não existiam as classes seriadas, as multi-seriadas também não existiam. A entrevistada viveu a época imediatamente anterior à reforma de ensino de 1910, que criara os grupos escolares. O método de ensino vivenciado por Maria Arruda (nome de solteira) era o individual, que mantinha alguns vestígios do ensino mútuo quando a classe continha um número grande de alunos; neste caso, utilizava-se a figura do monitor, aluno mais adiantado que ensinava os alunos menos adiantados. Em algumas regiões mais afastadas e tradicionais, até recentemente, utilizava-se para os monitores o termo decuriões (SILVA, 2002, 176)⁶.

Aqui, sem dúvida, há que se admitir que o entrevistador perdeu a oportunidade de compreender mais a natureza da relação pedagógica do período. Ou seja, temos evidência documental de que, nessa época, antes de 1910, a escola elementar não tinha seriação e nem simultaneidade. É possível que o professor, com experiência e bom senso, organizasse os alunos em pequenos grupos mais ou menos homogêneos, todavia isso não se caracterizava como série. Em entrevista desta natureza, aberta, o entrevistador precisa ficar atento às vertentes abertas pelo entrevistado e explorar mais essas possibilidades postas pela memória (lembrança/esquecimento).

Os problemas criados pelas entrevistadoras foram parcialmente superados na segunda entrevista, como se segue:

(entrevistadora A) – D. Maria, antigamente, os alunos eram todos reunidos na mesma sala, primeiro ano ,segundo ano... não era assim ? Depois mudou, no grupo escolar cada sala é... o primeiro ano é numa sala...

MAM – (...) o grupo escolar era dividido.

⁶ Cf. Acildo Leite da Silva. Uma pedagogia da oralidade: os caminhos da voz em Vila Bela. Cuiabá, Janeiro de 2002. Dissertação de mestrado. Mimeo. P. 176

(entrevistadora A) – Conta para nós um pouquinho de quando era junto. Como é que a professora fazia? Ela ensinava todo mundo junto ou devagarinho...

MAM – Era interessante. Ela fazia grupos de alunos na mesma sala (...) ali ela fazia as perguntas (...) e os alunos iam respondendo, depois que terminava esse grupo ela mandava sentar e chamava outro grupo, assim é que ela trabalhava. Mas trabalhavam de verdade, de verdade .

(entrevistadora A) – E para escrever, era assim um banco, como é que era , era uma mesa grande?

MAM – Ela mandava escrever uma cópia de livro, os alunos dessa parte iam decorar esta parte do livro. Mas era primeiro um aluno mais adiantado, ativo, a escrever no quadro negro e as alunas todas copiavam. (...)

A entrevistada tem clareza do momento em que foram criadas as classes seriadas, ou seja, a partir dos grupos escolares, que somente vão iniciar a partir da reforma de 1910. Maria Arruda Müller não apenas fora alfabetizada em classes que não estavam organizadas por série, como o método de ensino era ainda o da repetição e memorização, como revela o trecho acima da segunda entrevista. O método intuitivo e o ensino simultâneo somente seriam introduzidos, nos grupos escolares, a partir da referida reforma de 10.

Ainda na primeira entrevista D. Maria Müller dá uma contribuição fundamental para o Grupo de pesquisa, pois sabíamos que eram três os professores paulistas que contribuíram com a reforma de 1910, mas tínhamos apenas os nomes de dois deles: Leowegildo de Melo e Gustavo Kuhlmann. O terceiro identificado pelo diálogo abaixo permitirá que se busque na documentação a dimensão de sua contribuição.

MAM – E educação física veio depois com o Prof. Leowegildo de Melo, aquele outro ... chamado ... Waldomiro de Campos, professores que vieram para Mato Grosso.

(entrevistadora A) – Como era mesmo o nome dele?

MAM – Waldomiro de Campos.

(entrevistadora A) – Por que falaram que três professores paulistas chegaram em Mato Grosso: o Leowegildo.

MAM – O Waldomiro Campos, o Leowegildo de Melo que veio como chefe deles e o terceiro - -

(entrevistadora A) – Gustavo Kuhlmann.

MAM – Como?

(entrevistadora A) – Gustavo Kuhlmann.

MAM – Kuhlmann, eu já não estava me lembrando deste.

(entrevistadora A) – Eu lembrei, eu não lembrava do Campos.

MAM – O Campos foi embora para Cáceres e, lá, casou-se com uma cacerense.

(entrevistadora A) – E ficou por lá?

MAM – Não. Veio para cá, o filho dele nasceu aqui. Mas o filho dele não parou aqui, saiu para fora para estudar, foi seminarista, quase que ele foi padre.

(entrevistadora A) – O prof. Campos continuou em Cuiabá ou acompanhou o filho?

MAM – O pai, Waldomiro, foi para Cáceres, depois ele voltou aqui, depois não me lembro mais.

(entrevistadora B) – Não tem muita coisa dele não, tem mais do Kuhlmann e do Leowegildo, que a gente lê muita coisa no jornal. Quase não se fala nesse Waldomiro, porque ele foi para Cáceres, é por isso. Era bom professor ele não?

MAM – Todos eles eram muito bons, o Waldomiro foi prof. de Psicologia.

(entrevistadora A) – E o Kuhlmann era o diretor, só?

MAM – Não. Diretor era o Leowegildo.

(entrevistadora A) – Leowegildo dava aula também?

MAM – Sim, ele era professor e diretor da escola normal.

(entrevistadora A) – Ele que mandava lá,

(entrevistadora A) – Era muito bom professor, e é ele que se casou com a Prof. Poná.

(entrevistadora B) – Neta da D^a. Maria Luzia.

(entrevistadora A) – Filha da Maria Luzia, acho que é filha porque neta era muito criança.

MAM – Não, ela era sobrinha, porque D^a. Maria Luzia, não era casada.

(entrevistadora A) – E o Kuhlmann dava aula também?

MAM – Sim, depois ele foi diretor da Escola Senador Azeredo.

A memória prodigiosa de que é dotada a Prof^ª. Maria Arruda Müller veio reafirmar aspectos pouco conhecidos dos primeiros dez anos de educação do século XX em Mato Grosso. Não apenas pela qualidade da memória, mas também por sua natureza altamente racional e objetiva. Foi constatado que o método utilizado para a alfabetização, era a repetição e memorização com alguma sobrevivência de aspectos do ensino mútuo, particularmente, na utilização dos pequenos grupos e na ajuda dos alunos mais adiantados. Juntamente, com isso, ficou clara a inexistência de seriação no ensino primário nos dez primeiros anos do século XX. E, finalmente, fez a revelação do terceiro nome dos normalistas paulistas que contribuíram na reforma de 1910 em Mato Grosso: Waldomiro de Campos.